

EDUCAÇÃO FÍSICA, CURRÍCULO CULTURAL E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: NOVAS POSSIBILIDADES

Jacqueline Cristina Jesus Martins

Por um longo período, a Educação Física esteve afastada da Educação de Jovens e Adultos. Contribuiu com esse fato tanto a legislação que a rege como as práticas pedagógicas que não consideram as singularidades dos seus sujeitos. Ancorada em pressupostos que concebem as aulas como momentos de realização de exercícios físicos extenuantes, e por isso não seriam adequadas a esses estudantes, a frequência é desnecessária e, às vezes, a própria oferta do componente curricular. Em muitos casos, quando acontecem, as aulas são tratadas como meras “atividades”, deixando de lado o caráter pedagógico e realizando práticas que caberiam em outros espaços, como clubes e academias. Apesar do quadro desanimador, o tema tem despertado o interesse dos pesquisadores. Embora ainda seja pequena, a produção científica sobre o assunto sinaliza a emergência de uma outra forma de compreender a Educação Física na EJA. Com esse intuito, foram desenvolvidas e analisadas experiências com o chamado currículo cultural em um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) localizado no município de São Paulo. Adotando a pesquisa descritiva como método e a análise cultural como forma de interpretar os relatos das experiências, as entrevistas com estudantes, professores e gestores da escola e os documentos pedagógicos, foi possível reconhecer a potência da Educação Física cultural na EJA, graças ao diálogo travado com os sujeitos e com o contexto social vigente. A investigação reconhece diferentes significações atribuídas ao componente curricular e compreende tal polifonia como fruto do contexto social vigente, a Pós-Modernidade. O estudo também identifica certas especificidades do currículo cultural quando colocado em ação na modalidade Educação de Jovens e Adultos, como o estabelecimento de rotinas nas aulas com vistas a proporcionar a uma participação mais efetiva dos estudantes com deficiência; e um olhar mais detido sobre as habilidades corporais envolvidas nas manifestações tematizadas, a fim de proporcionar um engajamento equilibrado nas atividades propostas. Conclui-se, portanto, que o currículo cultural de Educação Física se apresenta como possibilidade de mudança para o atual cenário da Educação Física na EJA.

Palavras-chave: Educação Física; EJA; Currículo Cultural

Introdução

A EJA, como modalidade educacional, é muito recente em termos de história, e a Educação Física nesse contexto, enquanto objeto de estudo, parece ainda não ter atraído o olhar dos pesquisadores. Soma-se a isso o fato de que a própria modalidade carrega consigo certa marginalidade no interior do ambiente educacional, tanto no campo das políticas públicas, como dentro das escolas e universidades.

Soares e Pedroso (2016) explicam que a EJA vem se estabelecendo no Brasil sob o tensionamento sistemático no que se refere ao direito à educação desse público. Relatam que iniciativas governamentais, em formato de campanhas, como a Campanha Nacional de Adolescentes e Adultos (1947-1963) e o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL (1969-1985) imprimiram suas marcas com a ideia de que qualquer um pode alfabetizar jovens e adultos, em curto tempo, sem necessitar de muita preparação. O voluntariado, o aligeiramento, a precariedade, a improvisação e a ideia de que educar é preparar para o trabalho perduram até hoje em algumas formulações de ações para esse público.

Além de encontrar-se na periferia das políticas educacionais, pressupomos que a ausência de trabalhos de Educação Física na EJA seja um reflexo de uma relação que o componente curricular ainda carrega consigo, o das práticas corporais extenuantes, com o objetivo de formação de corpos fortes e saudáveis, numa perspectiva de controle social. Histórico que marcou a Educação Física por anos, mas que ainda reverbera sobre o que se entende sobre sua função nos dias de hoje.

De acordo com Aguiar e Neira (2016), ao longo do tempo, a Educação Física atendeu a diferentes objetivos, que se modificaram de acordo com os contextos, e essas modificações atenderam aos interesses políticos, econômicos e sociais de cada época.

Neira e Nunes (2009) discutem as funções atribuídas à Educação Física em cada momento social, com seus vários currículos que atribuíram ao componente objetivos distintos com o passar do tempo. Os autores mencionam o ginástico, o esportivista, o globalizante, o desenvolvimentista, o crítico, o da educação para a saúde e o cultural.

A partir das constatações feitas por esses autores, percebemos o quanto a Educação Física esteve atrelada a objetivos externos ao contexto escolar e serviu a diferentes instituições. Recentemente, avistamos mudanças nas práticas curriculares da Educação Física, que vem se apresentando como componente capaz de promover a leitura e a reconstrução crítica das práticas corporais, visando à formação de sujeitos a favor das diferenças e comprometidos com relações mais democráticas, o que a aproxima dos pressupostos educacionais vigentes. Porém, ao observar as raras produções acadêmicas sobre a Educação Física na EJA constatamos que esse componente curricular, nessa modalidade de ensino, desenvolve experiências formativas afastadas do atual momento social.

Isso é manifestado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996. Apesar de apresentar a Educação Física como componente curricular

obrigatório, em 2003, uma alteração tornou-a facultativa aos alunos que estudam à noite, que cumprem jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, aos maiores de 30 anos de idade, aos que estiverem prestando serviço militar inicial, ou que, em situação similar, estiverem obrigados à prática de Educação Física, e aos que tenham prole. Essa liberação dos casos descritos está vinculada ao entendimento de que o componente se pauta na execução de exercícios físicos extenuantes, o que não dialogaria com as condições dos estudantes trabalhadores, idosos ou mulheres com filhos. Justamente o público atendido pela EJA.

Corroborando com as situações apresentadas, também pode ser causa desse despreço pelas pesquisas sobre a Educação Física na EJA a falta do tratamento da temática nos cursos de formação inicial de professores. O desconhecimento sobre a relevância social do componente curricular nessa modalidade de educação se reflete na ausência de educadores e, conseqüentemente, no desinteresse dos pesquisadores.

Durante o período em que realizávamos a pesquisa, tivemos a oportunidade de atuar em outras frentes que colaboraram para a nossa formação enquanto professora/pesquisadora. Diante de todas as dificuldades que o componente enfrenta ao adentrar a EJA, umas das que mais marginaliza o componente é a ausência de propostas curriculares. No início da minha atuação na EJA, em 2013, verifiquei que a proposta curricular oficial que tratava da Educação Física resumia-se a uma página dentro de um documento geral. Ao meu olhar, isso se caracterizava como um completo abandono do componente na modalidade.

Durante esse período, entre 2013 e os dias de hoje, destinei boa parte dos meus esforços acadêmicos a batalhar pela representatividade da Educação Física na EJA, e dentro dos próprios espaços da rede municipal, fui em busca de disputar um lugar para esse componente curricular.

Frutos de outras disputas, no ano de 2018 a rede municipal se organizou para a escrita de uma proposta curricular para a EJA, incluindo um documento que aborda a Educação Física nessa modalidade. Juntamente com alguns companheiros do GPEF e professores da rede municipal, aventuramo-nos nessa escrita, que entre muitas dificuldades resultou na publicação do *Currículo da Cidade de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos*, em 2019. Essa conquista fortalece a nossa luta, pois isso caminha em uma direção de fortalecimento do componente na área.

Recentemente, dentro da rede, mais uma conquista foi alcançada. Iniciamos o curso de implementação da proposta curricular de Educação Física na EJA. Desde meu

ingresso na rede municipal, no ano de 2008, nunca houve um curso específico para o componente na modalidade de ensino. Esse quadro alimenta a nossa disposição para a luta diária. Perceber que estamos caminhando em direção ao reconhecimento do componente na EJA fortalece as nossas empreitadas diárias. Apesar das recentes conquistas, ainda atuamos em uma rede que apresenta em sua legislação a Educação Física no contraturno dos estudantes.

A partir desse quadro, questionamos: por que trabalhadores, pessoas com filhos e com mais de 30 anos não precisam das aulas de Educação Física? Por que lhes foi retirado o direito de participar das aulas? Por que o componente curricular que tem como objeto de estudo as práticas corporais é colocado como menos importante na experiência formativa? Será que uma proposta de ensino pautada em outros referenciais teóricos poderá contribuir com a mudança desse olhar?

A partir das inquietações acima, a presente pesquisa descritiva buscou responder se o currículo cultural de Educação Física pode colaborar na construção de uma nova configuração do componente na EJA, tendo em vista o recurso a outras práticas pedagógicas, com outros objetivos, que levem em consideração a realidade local, dos estudantes e do contexto em que a escola está inserida. Além disso, a investigação procurou verificar se há especificidades dessa perspectiva quando colocada em ação na modalidade EJA, mais especificamente em um Cieja na cidade de São Paulo e, finalmente, o que pensam os estudantes, professores e gestores que acompanharam as experiências realizadas com a proposta entre 2016 e 2018.

Esta dissertação documenta o esforço coletivo de produzir uma Educação Física sensível às especificidades dos estudantes da EJA. Para tanto, no primeiro capítulo apresentamos a modalidade educacional, reconhecendo as suas especificidades e seus desafios, tanto no contexto nacional como no município de São Paulo. Mostramos as formas de atendimento e quem são os sujeitos que frequentam a modalidade, dando destaque às informações sobre o contexto da escola que recebeu a pesquisa.

No segundo capítulo abordamos como a Educação Física nessa modalidade se apresenta no cenário nacional. A partir das análises das pesquisas e trabalhos acadêmicos, procuramos estabelecer um panorama do componente curricular na EJA. Essas análises nos permitiram apreciar os movimentos do componente e as configurações predominantes. Reconhecemos a partir dessas análises que os cursos de licenciatura em Educação Física não possuem disciplinas que tratam do componente curricular na EJA, e identificamos que a aproximação dos licenciandos do curso de Educação Física se dá

principalmente através de atividades programas como o PIBID e pelos estágios obrigatórios. Muitos trabalhos encontrados durante a pesquisa foram frutos das intervenções realizadas pelos estudantes durante atividades de extensão ou estágios.

As pesquisas e trabalhos acadêmicos analisados nesse capítulo também demonstraram que as aulas de Educação Física na EJA, se apresentam em uma pluralidade de práticas espalhadas por todo o país. De acordo com as diferentes realidades, as aulas tomam rumos distintos, ora por opção dos docentes, ora pela ausência de espaços ou materiais, ora pela ausência de propostas curriculares. Em alguns casos as aulas são exclusivamente teóricas e em outros exclusivamente práticas.

A partir dos textos estudados também é possível apontar que em algumas regiões ou, mais especificamente, em alguns locais (cidades/universidades) onde há a presença de um professor ou de uma professora do Ensino Superior que se debruça sobre o estudo desse tema, existe uma maior concentração de pesquisas e produções. Isso se percebe pela quantidade de vezes em que determinados autores são citados nas diferentes obras selecionadas.

Ao observamos a divisão de gênero entre os autores que estudam a Educação Física na EJA, notamos a maioria da presença feminina, reproduzindo o que acontece nas instituições que oferecem a modalidade.

No terceiro capítulo, descrevemos o processo de inserção da Educação Física no Cieja Aluna Jéssica Nunes Herculano. Por ter participado desde o princípio, expusemos como as relações de força atuaram na implementação do componente no currículo da escola pesquisada.

O quarto capítulo apresenta o currículo cultural da Educação Física, uma concepção de ensino do componente que se deixa inspirar pelas teorias pós-críticas e que deu sustentação às intervenções realizadas no trabalho proposto dessa pesquisa.

O capítulo seguinte narra os procedimentos metodológicos que permitiram a realização da pesquisa. Após o período em campo, um denso material foi produzido e acessado. Esses materiais incluem as vozes dos estudantes, dos professores e dos gestores da unidade escolar, o projeto político pedagógico da unidade, os planos de ensino do componente curricular e registros escritos e iconográficos das experiências.

Ao pretender analisar uma situação específica, de um dado contexto, recorreremos à pesquisa descritiva como possibilidade de compreender as especificidades do currículo cultural da Educação Física na EJA e como os diversos atores do Cieja Aluna Jessica Nunes Herculano significam essa experiência formativa. Com o intuito de dar vazão às

significações dos sujeitos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes, professoras e gestores.

Por se tratar da mesma pessoa, a professora de Educação Física da referida escola e a pesquisadora, entendemos que ao acessar os relatos de prática escritos como forma de registros das aulas, entraríamos em contato com as interpretações sobre ações desenvolvidas.

Após o longo período mergulhados na realidade do Cieja Aluna Jéssica Nunes Herculano, um denso material foi produzido e acessado. O *corpus* empírico (disponível nos anexos) constituiu-se de registros no formato de relatos de experiência das intervenções culturalmente orientadas e da transcrição das gravações das entrevistas. Esses materiais incluem as vozes dos estudantes, dos professores e dos gestores, o PPP da unidade, os planos de ensino do componente curricular, fotos e vídeos das aulas. Todos os participantes ou seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹.

Durante o período da pesquisa não delimitamos as turmas participantes. Uma vez que registramos em diário de bordo todas aulas desenvolvidas, foi possível reunir um material rico e denso sobre o que aconteceu no componente curricular no período de 2016 a 2018.

Também compõe o material, a transcrição das entrevistas realizadas com dez professores e dois orientadores pedagógicos. A opção por entrevistar os orientadores deve-se ao fato de serem os responsáveis pelo trabalho realizado pelas professoras. Já a escolha destas baseou-se no seu envolvimento nas aulas de Educação Física. Mesmo sem a obrigatoriedade, em muitos casos, as professoras acompanham as aulas. As professoras escolhidas para serem entrevistadas estiveram nas aulas, ora participando, ora observando, nas saídas pedagógicas organizadas pelo componente, enfim, de alguma forma acompanharam as aulas e puderam nos oferecer suas significações a respeito da Educação Física realizada na instituição.

Também foram entrevistados 27 estudantes com o intuito de conhecer e valorizar seus pontos de vista. A princípio, a escolha dos entrevistados seria feita tentando garantir a presença de representantes dos diferentes grupos existentes na escola, homens, mulheres, trabalhadores, aposentados, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência dos diferentes turnos da escola. Para isso, havíamos pensado em pessoas que participavam

¹ O termo foi entregue após as explicações e esclarecimentos a respeito da pesquisa, buscando adequar o conteúdo as especificidades do sujeito. Os vários formatos utilizados estão disponíveis nos apêndices.

das aulas de Educação Física há pelo menos um ano. Porém, ao convidá-los, alguns sujeitos que não possuíam o requisito de estar há pelo menos um ano se mostraram interessados em ser entrevistados por reconhecer nesses momentos um espaço para falar sobre as aulas de Educação Física. Esse interesse levou-nos a abrir o leque de entrevistados para todos os interessados.

Foram entrevistadas 19 mulheres e 8 homens. Dentre eles, há três pessoas com deficiência. Um possui a Síndrome de Prader Willi, um possui deficiência intelectual e um apresenta Transtorno do Espectro Autista. A quantidade de estudantes com deficiência que participaram das aulas é bem maior, mas, para a entrevista, foram considerados aqueles que possuíam uma fala convencional. É reconhecida a relevância da voz dos demais estudantes, que não se comunicam da forma convencional, mas não foram encontrados recursos capazes de captar as impressões desses sujeitos.

A distribuição dos estudantes por faixa etária foi a seguinte:

| Faixa Etária | Estudantes entrevistados |
|---------------------|---------------------------------|
| Até 17 anos | 2 |
| Entre 18 e 25 anos | 2 |
| Entre 26 e 35 anos | 3 |
| Entre 36 e 45 anos | 2 |
| Entre 46 e 55 anos | 8 |
| Entre 56 e 65 anos | 8 |
| Acima de 65 anos | 2 |

Tabela 16 – Quantidade de estudantes entrevistados por faixa etária. Elaborada pela autora.

A pesquisa também se atentou em ouvir os estudantes de todos os horários em que as aulas de Educação Física ocorrem, contemplando as especificidades que cada turno apresenta. Foram entrevistados sete estudantes do horário das 7h30; nove estudantes das 10h; seis estudantes das 12h45 e, por fim, cinco estudantes que entram na escola às 15h15.

Por acumular as funções de pesquisadora e professora, estivemos² o tempo todo imbricadas na realidade da escola e nas entrevistas com os estudantes, o que consiste num ponto positivo, pois eles possuem certo grau de liberdade para expressar-se. Mas, é necessário reconhecer que por se tratar da própria professora da turma há implicitamente uma questão de poder envolvida, apesar das relações não se estabelecerem em um formato autoritário durante as aulas. Mesmo assim, ao estar de frente à professora durante a entrevista, é possível a existência de alguma tensão, fazendo com que os estudantes se

² Por essa razão, adotamos a primeira pessoa do plural na escrita desta dissertação.

preocupem em responder o que pensam que ela deseja ouvir ou busquem uma resposta “correta”, como se observa nas transcrições abaixo:

Iara³ (60): Era isso mesmo? Respondi mais ou menos certo?

Luiza (43): Isso.... Aí a gente teve aula de handebol, *paintball*...tô falando certo?

Os relatos de prática das intervenções realizadas no período da pesquisa foram analisados por se tratar de textos que registram, em alguma medida, nossas impressões e interpretações sobre as cenas do cotidiano. É possível identificar nesses documentos a presença das nossas significações tanto na descrição do que aconteceu nas aulas como também nas escolhas das falas dos estudantes, nas avaliações dos trabalhos, no olhar ao registrar e escolher as fotos que constituem os materiais etc.

Inicialmente, as entrevistas com os estudantes tinham como objetivo reunir suas narrativas sobre as aulas de Educação Física, pois, a partir delas, seria possível acessar seus modos de significar as experiências. Desde a primeira entrevista, esse formato se mostrou difícil, pois os estudantes se remetiam apenas a falas sobre o que achavam das aulas, sem tocar naquilo que as constituiu. A partir daí, elaboramos um roteiro, o que tornou a entrevista semiestruturada e garantiu a emergência de respostas acerca do formato das aulas. Afinal, intencionávamos entender como o currículo cultural nas aulas de Educação Física é significado naquela escola por diferentes atores.

Durante as entrevistas, a preocupação em fazer com que os estudantes se sentissem à vontade foi uma constante. Era necessário que compreendessem que não há respostas certas ou erradas, e a tentativa de manter a entrevista em tom de conversa informal foi balizadora das ações, pois desejávamos que as falas dessem vazão às significações de cada participante sem que se sentissem impelidos a responder de uma determinada maneira.

Submetidos à análise cultural, as interpretações dos resultados constituem o sexto capítulo. A escolha pela análise cultural se fez pela consonância com o campo que inspira o trabalho pedagógico, os Estudos Culturais. Os Estudos Culturais reconhecem que toda e qualquer prática cultural é passível de ser analisada, e recorre a múltiplas interpretações para a compreensão das significações dadas às práticas culturais investigadas.

Os resultados da pesquisa

³ Todos os nomes utilizados nesse trabalho foram alterados para manter a privacidade das pessoas direta ou indiretamente envolvidas nessa pesquisa. O número entre parênteses refere-se à idade dos estudantes entrevistados.

Pretendendo compreender a contribuição do currículo cultural de Educação Física na construção de uma nova configuração desse componente curricular na EJA, a presente pesquisa analisou as significações que estudantes, professores e gestores da escola pesquisada atribuíram à Educação Física após um período de experimentação da proposta. A pesquisa também pretendeu investigar a existência de especificidades da perspectiva cultural quando colocada em ação na modalidade Educação de Jovens e Adultos, no contexto de um Cieja localizado na cidade de São Paulo.

Os resultados revelam a existência de diferentes significações sobre a Educação Física realizada naquela escola, e isso era de se esperar, pois vivemos em um contexto pós-moderno em que as práticas culturais são passíveis de várias significações, dada a multiplicidade dos discursos que as atravessam. Compreendemos que as significações atribuídas ao componente são influenciadas pelas observações e participações das aulas, assim como pelo acesso aos discursos sobre a Educação Física em outros espaços. Muitas vezes, os mesmos sujeitos apresentam significações contraditórias a respeito da Educação Física, resultantes das disputas por poder travadas no próprio campo e que ganham materialidade nos discursos que circulam no tecido social.

Apesar das diferentes significações, encontramos algumas regularidades que nos levaram a compreender a presença concomitantemente de quatro formas de compreender a Educação Física naquele espaço.

A primeira se refere a um olhar do componente curricular enquanto disciplinador dos corpos, ou seja, os professores reconhecem a função de disciplinar os sujeitos ali presentes. É interessante notar que apenas professores expressaram essa significação.

A segunda concebe a Educação Física enquanto componente curricular responsável por estimular hábitos de vida saudáveis, contribuindo para a formação de sujeitos ativos. Esse olhar permeia tanto as falas dos estudantes quanto dos professores. Em alguns casos, a presença desses discursos é acompanhada de falas alusivas a ações nas aulas distantes desses objetivos, porém, reconhecemos aqui que o discurso neoliberal que sustenta o denominado currículo saudável possui maior força e, por isso, apresenta-se hegemônico, impactando a representação do componente curricular.

Uma terceira significação atribui à Educação Física a função de integradora, conferindo-lhe um espaço de socialização entre os sujeitos da escola. Sobre essa questão, reconhecemos que esse papel é relevante na instituição pesquisada. Durante as entrevistas, notamos o quanto os estudantes identificam, nas aulas de Educação Física, oportunidades de estabelecerem diferentes formas de se relacionar com os colegas. A esse

respeito, notamos que os sujeitos que significam a Educação Física nessa perspectiva não atribuem ao componente apenas essa função; em consonância, trazem outros olhares, mas valorizam a perspectiva integradora, principalmente ao se reconhecerem como sujeitos das camadas populares que enfrentam dificuldades diárias para estarem na escola e que não lhes resta muito tempo para desfrutar de atividades com caráter lúdico.

Por último, reconhecemos um olhar sobre a Educação Física enquanto componente curricular que corrobora com novas experiências e outros tipos de aprendizagens. A respeito desse olhar, notamos o quanto professores e estudantes revelam que, sem o auxílio da escola, provavelmente não acessariam determinados lugares e determinadas experiências.

A partir dessa quarta significação, compreendemos que no Cieja Aluna Jéssica Nunes Herculano, a Educação Física cultural se apresenta como um componente curricular que contribui com a formação dos estudantes por meio de diferentes experiências e aprendizagens proporcionadas. Nesse sentido, a Educação Física não se subordina a outros componentes curriculares. Pelo contrário, opondo-se ao atual estágio dos conhecimentos sobre o tema disponíveis na literatura, nesse centro educacional, a Educação Física se configura como um componente curricular articulado com o PPP da escola e não como uma mera atividade recreativa ou compensatória dos esforços laborais, ou seja, os professores e estudantes reconhecem nas ações empreendidas durante o período analisado, diferentes experiências que influenciaram positivamente na formação dos sujeitos, caminhando na mesma direção do que apontam os documentos escolares.

Enquanto achados da pesquisa, também reconhecemos que o componente curricular realiza um papel importante, que denominamos de garantia do direito à participação nas aulas. Isso se refere ao papel que a Educação Física vem exercendo na referida escola. Com um olhar para as diferenças que estão presentes nas aulas, é possível notar que a não tentativa de homogeneização dos sujeitos, característica das teorias pós, se revela como uma ação importante para garantir que todos participem das aulas. Corrobora com essa garantia o olhar para o patrimônio cultural corporal dos sujeitos e a valorização, no currículo da escola, das suas práticas corporais. Nesse ponto, o currículo cultural foi ressignificado em relação às possibilidades de se fazer as escolhas das manifestações são tematizadas nas aulas. Atentar-se às habilidades corporais envolvidas na tematização contribui para a possibilidade de colocar todos os sujeitos como produtores das práticas corporais.

Enquanto efetivação dessa garantia, observamos uma especificidade ao colocar o currículo cultural em ação na instituição que acolheu a pesquisa: a rotina estabelecida diariamente, contemplando os estudantes com deficiência. Esse recurso afirmou a efetivação dos direitos desses sujeitos.

Apesar de termos encontrado resultados que valorizam a Educação Física dentro do contexto pesquisado, também identificamos equívocos e dificuldades na colocação da perspectiva cultural na escola. A análise dos materiais produzidos permite observar que, mesmo legitimando as práticas dos diferentes grupos presentes nas aulas, nem sempre as escolhas se aproximam das realidades dos estudantes, e isso dificulta as problematizações e ações didáticas que contribuem com as ressignificações, o que se revela como um deslize nos caminhos propostos por esta professora/pesquisadora.

Contudo, a pesquisa apresenta o currículo cultural da Educação Física como uma possibilidade na Educação de Jovens e Adultos, visto que ao valorizar o contexto local e o público presente, e ao dialogar com o PPP da escola, o componente rompe com um *status*, que carregou por muitos anos, de mera atividade, passando a compor o currículo escolar como um componente que repercute na formação mais crítica e solidária dos estudantes.

Dessa forma, a presente pesquisa fortalece o discurso sobre a necessidade de revisar e reescrever a legislação que trata sobre a Educação Física na modalidade EJA. É importante que tanto a legislação federal como as estaduais e municipais reconheçam que, ao impossibilitar a participação dos estudantes, negam a esses sujeitos a possibilidade de promoverem a leitura da ocorrência social das práticas corporais e sua reconstrução crítica, o que lhes proporcionaria experiências importantes quando se mira a formação de sujeitos a favor das diferenças e comprometidos com relações mais democráticas. Utilizamos o termo “impossibilitar” intencionalmente, pois ao colocar a Educação Física como facultativa e/ou no contraturno dos estudantes, retiramos desses sujeitos o direito de participarem das aulas. Reconhecemos que as discussões sobre a Educação Física escolar já superaram as ideias que embasam essas legislações, e a presente pesquisa pretende atuar como uma força política, na intenção de contribuir para um novo olhar sobre o componente na modalidade educacional.

Admitindo que a Educação Física se fortaleceu politicamente dentro da escola, entendemos que o currículo cultural foi o balizador dessa guinada. Ao se apresentar como um componente que participa dos coletivos escolares, preocupado com a formação almejada dos sujeitos, ao trazer as práticas dos diferentes grupos sociais dialogando com

os temas que norteiam as vidas dos estudantes, ao reconhecer as diferenças e valorizá-las dentro do contexto da escola, ao atuar em busca de experiências e aprendizagens que se relacionem com o que almejam os estudantes, a Educação Física assume um papel de destaque na escola.

É fundamental esclarecer que não esperamos que os resultados aqui descritos sejam transpostos para outras realidades, e nem que as ações políticas tomem como base apenas a experiência narrada. O que nos aventuramos a dizer é que dentro do contexto político-social que estamos enfrentando desde o golpe de 2016, e que a cada dia recrudescer mais, o fortalecimento de ações educacionais que dialoguem com a construção de uma sociedade mais justa e solidária vem requerendo de nós, professores, que atuemos permanentemente nessa direção. Ao demandar propostas que se afastam desses objetivos, que olhem somente para o individual, para a meritocracia e para a competição, não contribuiremos com a formação que reconheça os Outros como sujeitos dignos dos mesmos direitos.

É nessa direção que encerramos a pesquisa, acreditando que o currículo cultural se torna uma perspectiva potente na EJA, pois ao se preocupar com a realidade local, com os sujeitos presentes e com a contribuição na formação de sujeitos que atuem de forma mais justa e solidária, essa proposta se faz possível em diferentes contextos, desde que almejem a busca por uma sociedade menos desigual e mais digna para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Camila dos Anjos; NEIRA, Marcos Garcia. O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultural. In: NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher 2016, p. 69- 86, (Coleção A reflexão e a prática no Ensino Médio, v.4).

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei 9394/96: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte Editora, 2009

SORES, Leôncio José Gomes; PEDROSO, Ana Paula. Formação de educadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Alinhando contextos e tecendo possibilidades. **Educação em Revista**, Belo Horizonte|v.32 n.04 p. 251-268 out. / dez. 2016